

Apanhei-te Ernestinho

Prólogo

Entra em cena um narrador.

Narrador – Era uma vez um homem que queria ser imortal. Imortal para quem não sabe é quem não morre, que vive para sempre, cuja lembrança permanece na memória dos homens: glória imortal. Embora, muitos achem que isso é impossível eu posso afirmar que não existe verdade mais verdadeira do que essa: É possível sim alcançar a imortalidade. Pois está claro ou pelo menos deveria estar que nenhum homem pode nascer imortal, privilégio concedido somente aos deuses filho de deuses, pois mesmo os semi-deuses, aqueles que tem um dos pais mortais estão fadados também a morte natural como qualquer ser vivo seja animal, homem ou planta. Mas o que eu dizia é que muitos homens e mulheres já se tornaram imortais, alcançaram a imortalidade. Embora não tenham nascido imortais eles morreram imortais. Agora vocês devem estar se perguntando: Mas que sujeito louco! Por que estou dando ouvidos a ele? Talvez eu tenha mais o que fazer. Mas já responderei a todas as suas perguntas. Pode parecer confuso morrer para se tornar imortal, mas assim o é e convenhamos, se tratando da humanidade não há de ser a maior das esquisitices, não é? Mas para aqueles que ainda não entenderam eu vou explicar. Para atingir a tal imortalidade é preciso se destacar. Deixar para os outros homens mesmo depois de sua morte algo que os faça lembrar sempre dele a ponto de nunca mais ser esquecido como um livro, uma obra de arte ou uma invenção. Mas não pode ser qualquer invento, qualquer livro ou qualquer obra de arte. É preciso ser algo que mude a vida dos outros homens, que os faça sorrir ou chorar, que os encante, que os faça querer igualmente se tornar imortais também. Era uma vez um homem que queria ser imortal.

Cena 1

Várias vozes chamam: Ernesto! Ernesto!

Entra em cena Ernesto caminha ansioso de um lado para outro como se tentasse pescar uma ideia.

Ernesto – Ahhhh, como eu queria ser reconhecido, entrar para a história como um desses gênios, imortais compositores clássicos, autores das mais belas músicas existentes no mundo, ricas melodias que brotaram dos seus dedos como flores em um jardim. Ai, quem me dera ser um Mozart, um Beethoven, um Bach, um Schumann, um Chopin...

Enquanto fala o nome dos compositores pega as partituras dos mesmos. Toca-se pequeno trecho de composição de cada um deles.

Ah, mas desses dedos nada saem. Só consigo reproduzir o que eles já fizeram. Que prazer tenho em tocá-los, mas queria eu mesmo compor algo a altura para poder me sentar ao lado desses imortais um dia e contemplarmos nossas obras adoradas deleitando aos homens e mulheres de todos os tempos. Mas cadê a obra adorada que não consigo compor.

Narrador – traz uma xícara de café em uma bandeja com um bule e a entrega a Ernesto.

Ernesto, o homem que queria ser imortal, bebeu o café e depois se sentou ao piano. *(senta em um banquinho de piano)*. Escolheu uma das partituras e começou a tocá-la como se buscasse uma inspiração. Escolheu Beethoven Tocou-a muito bem. Era um grande pianista, sem sombra de dúvida.

Ernesto levanta e volta a andar de um lado para o outro. O narrador serve mais uma xícara de café.

Voltou ao piano. Agora queria tocar Mozart. *Toca um trecho. Belíssimo! Fantástico!*

Batendo palmas o que incomoda Ernesto que olha com reprovação. Narrador desculpa-se e serve mais uma xícara de café. Ernesto caminha e volta a sentar com nova partitura.

Depois foi a hora de Haydn e depois Bach. Ele tocou até mais de meia-noite e não parecia estar cansado. Ficou nesse movimento até altas horas. Andava-tomava café- tocava piano- andava-tomava café- tocava piano- andava-café-piano-andava-café-piano *(Ernesto acompanha a narração em gesto mecânico cada vez mais rápido)* até que parou de tocar e decidiu ficar na janela olhando as estrelas pedindo quem sabe aos céus uma inspiração. Mas nada... As vezes ia até o piano e seus dedos tocavam o teclado como se procurasse algum pensamento, mas o pensamento não aparecia e ele voltava para janela e para as estrelas. O sono e o cansaço as vezes o fazia delirar.

Ernesto – *(subindo no banquinho e olhando para o céu)* As estrelas parecem até notas musicais presas no céu me esperando para descolar. Quem sabe um dia o céu não fique vazio, sem nenhuma estrelinha... a terra seria então uma constelação de partituras brilhando, brilhando, encantando, encantando... Vejam uma nota cadente! Ou seria uma estrela? Ah, meu Deus! Por que não consigo uma inspiração? Uma ideia sequer? Não vem nada na minha cabeça! Por que? Por que?

Narrador - Pobre companheiro! Às vezes, parecia surgir das profundezas da mente uma ideia.

Ernesto – É?

Narrador – Sim. *Enquanto narra Ernesto acompanha.*

Ele corria ao piano para não perder a ideia e poder traduzi-la, se concentrava, se dedicava, mas era em vão: a ideia fugia.

Ernesto – Não!

Narrador – (piedoso) Sim. Outras vezes, sentado, ao piano, deixava os dedos correrem soltos para ver se o corpo falava mais do que a mente, se concentrava, se dedicava... mas nada, nada, a inspiração não vinha...

Ernesto – Não!

Narrador – Sim. A sua imaginação parecia que estava dormindo. O tempo passava, a noite avançava e cada vez mais ele se irritava.

Ernesto – Ahhhhh! Não! *(levanta-se)* Eu nunca mais vou tocar! Nunca me tornarei um imortal! Nada sai dos meus dedos, nenhum trecho de música que seja lembrada daqui há mil anos. Já sei, é melhor eu abandonar a arte. Vou plantar batata, puxar carroça...

Narrador - Mas daí a dez minutos lá estava ele com os olhos em Mozart, a imitá-lo ao piano. *(Ernesto acompanha a narração)*

Duas, três, quatro horas. Depois das quatro desmaiou ali mesmo em cima do piano. Estava cansado, desanimado, morto. Dormiu triste o pobre pianista... Mas acordou num pulo horas depois. Espalmou as mãos no teclado. E então, começou a tocar uma coisa bem própria, que não parecia com nenhuma das músicas dos imortais compositores que tanto amava. Era uma inspiração real e pronta: uma polca! Uma polca quente que só de ouvir já dava vontade de saracutear, de balançar as cadeiras, de rebolar, de dançar! *(Polca Cruz, Perigo!)*

Ah, seus dedos iam arrancando as notas sem nenhuma dificuldade. *(O movimento cresce e se estende para além dos limites do piano imaginário se transformando aos poucos em movimentos coreográficos.)* A inspiração estava de volta. Em pouco tempo a polca estava feita. Pra quem não sabe o que é uma polca, espere um pouco que eu já explico.

Ernesto – Está pronta! Agora é só levá-la para o editor. *(Ernesto arruma a partitura e se prepara para sair).*

Narrador – Para quem?

Ernesto – Ora, para o editor. Para fazer cópias.

Narrador – Ué, para quê?

Ernesto – Para que todos a conheçam, ué.

Narrador – Ah, mas não é só gravar? Se quiser eu gravo aqui no meu celular e a gente disponibiliza pela internet. A não ser que você queira gravar um CD...

Ernesto – Ora, mas você bem sabe que nada disso existe na minha época. Nós não estamos em 2013 e sim a cerca de 150 anos atrás.

Narrador – 150 anos?

Ernesto – Sim. E não existe nenhuma forma de gravar uma música nessa época que eu vivo. Nem celular, nem CD e nem mesmo disco. Ah, e nem adianta falar de TV ou rádio que também não existiam ainda.

Narrador – O que? Não? Nem rádio? Então, como fazem para escutar música nessa época aí que você vive? Deve ser muito chato viver nessa época. Não posso nem ouvir música no celular!

Ernesto – Nessa época aqui no Brasil só tem um jeito de ouvir música: tocando-a.

Narrador – O que?

Ernesto - É preciso aprender a tocar um instrumento musical como um violino, um piano como o meu ali ou até mesmo um violão ou um cavaquinho, embora nessa época eles não fossem muito bem vistos.

Narrador – Ah, entendi. Não parece tão ruim assim a sua época. Eu particularmente adoro ouvir música ao vivo. É muito melhor do que no CD e celular. Mas, espera aí, ainda não entendi uma coisa.

Ernesto – Fala logo que eu já estou atrasado.

Narrador – Tá, tá, é que como as pessoas vão tocar a sua música se elas não a conhecem, pois só eu e o pessoal ali que ouvimos, não foi?

Ernesto – Ah, mas é isso que eu vou fazer agora. Levar a música para um editor. A música está toda escrita aqui em uma partitura musical que é uma espécie de escrita. Os músicos então compram uma cópia dessa partitura e assim podem tocá-la quantas vezes quiser. E eu ganho algumas moedinhas com isso que não pagam todas as minhas contas, mas que me ajudam a sobreviver. Bem, mas agora eu preciso ir, pois o editor já está me esperando.

Narrador – Tá, ah, mas não esqueça o guarda-chuva, pois está com jeito de chuva.

Ernesto – Obrigado!

Cena 2

Narrador – Não preciso nem dizer que o editor assim que ouviu a música ficou encantado! Aliás, não só ele, mas todos que a ouviram. Em pouco tempo as cópias estavam prontas e esgotaram rapidamente precisando de nova edição dias depois. Todos queriam tocar e ouvir aquela polca maravilhosa que fazia todo mundo saracutear, balançar as cadeiras, rebolar, dançar!

Ah, a polca! Eu disse que ia explicar pra quem não sabe o que é uma polca. Mas para isso vou contar com a ajuda de minha amiga... *(Entra narradora que o acompanhará na narração e nos exemplos de dança).*

Bem, polca era um estilo de música bastante popular no Brasil e em grande parte do mundo na época de Ernesto, assim como hoje é o samba, o rock e o funk. Ela vinha de um país chamado Polônia. E só por ter vindo de um país rico, localizado na Europa já era o suficiente para ser aceita aqui no Brasil, pois os ritmos que tinham origem africana sofriam preconceito e embora todos gostassem tinham vergonha de assumir.

Narradora - Bem, o fato é que antes da polca não tinha nenhum ritmo aceito que permitisse muito a dança em pares, ou seja a dança a dois que era sempre mal vista, considerada uma coisa indecente, imoral. Mesmo a valsa que era dançada nos salões com muita distância entre o casal, só permitindo tocar as mãos e mais nenhuma outra parte do corpo era mal vista por alguns.

Narrador - Com a polca a dança era diferente, os corpos se agitavam, se aproximavam e daí para ir se modificando, adaptando-se ao gosto nacional não demorou muito, já que permitia que os corpos se entrelaçassem como nas umbigadas presentes nos lundús africanos. Esse termo umbigada vem de umbigo mesmo, ou seja os umbigos dos pares se encostavam para dançar.

Narradora – E em pouco tempo aqueles ritmos de origem africana rejeitados pelos ricos e poderosos, que eram chamados de elite, já estavam se misturando com a polca diferenciando-a bastante da polca tocada em outros partes do mundo e ganhando um novo nome: Maxixe. Mas esse nome não era nem um pouco aceito e essa música sofria preconceito mais ou menos como o funk é considerado hoje ainda por alguns que a consideram menor e como antes foi o samba. Formas de pensar e agir que não deveriam existir naquela época e muito menos hoje em dia.

Narrador - Acontece que o nosso querido Ernesto não queria ver a sua música confundida com esse tipo de música que era considerada inferior. Não queria se identificar com ela, embora ela pulsasse dentro dele, assim como na maioria dos brasileiros e principalmente dos cariocas que conviviam com os batuques e as sonoridades dos povos que vieram da África. A música de Ernesto já tinha

nascido misturada, um pouquinho branca e um pouquinho negra, era música brasileira legítima.

Narradora - Não demorava muito. Era entregar na mão do editor que em pouco tempo uma música nova de Ernesto estava nos dedos (*começa a tocar*), na boca (*assoviar*), nas pernas (*passo*) e no coração do povo. No entanto, o que para outro compositor seria a satisfação, a fama, a glória, para Ernesto era sinônimo de vergonha. Ele que queria tanto compor uma peça clássica e se tornar um imortal não aguentava o peso da popularidade de ver sua música tocada por qualquer violão desafinado, cantada por qualquer voz esganiçada, saracuteada em qualquer esquina. Para Ernesto isso não era apenas difícil. Era insuportável!

Cena 3

Entra Ernesto desesperado, caminha apressado fugindo da sua própria música.

Ernesto – Ah, mas será que eu não posso mais sair na rua! Tenho que ficar trancado em minha casa noite e dia. Por onde eu vou é essa música que não para de tocar por todo canto, em todo lugar. Se passo por uma casa, por mais simples que seja, ouço saírem pelos buracos da porta e pelas frestas da janela as notas da minha última composição, sopradas na clarineta ou dedilhadas num violão. Se corro dela e fujo por um beco escuro eis que me deparo com o assobio da mesma polca nas bocas de uns bêbados que vem cambaleando pela rua. Então fujo mais, me escondo e a música não para, Vejo ao longe, por uma janela, um casal que dança no compasso da composição e a música continua... As vezes talvez pare, mas não sei, parece que continua aqui dentro da minha cabeça, ou na batida do meu coração. (*Música continua e ele corre*). Ufa, enfim em casa. (*Entrega o guarda-chuva ao narrador*).

Cena 4

Narrador – Pobre Ernesto! Buscava tanto a imortalidade através de uma música que atravessasse os séculos e mal sabia que ela estava ali, tão perto, correndo atrás dele. Não agora, mas desde há muito tempo... Ernesto não precisava buscar a imortalidade. Ele já tinha nascido imortal.

(Narrador coloca um chapéu e representa o pai de Ernesto, Sr. Vasco Lourenço. Ernesto coloca um adereço que o represente na infância).

Narrador/pai – Ernesto! Ernesto!

Ernesto (criança) – Oi Pai!

Pai – O que estava fazendo, Ernesto?

Ernesto – Nada pai... eu estava lá dentro...

Pai – Fazendo o que, Ernesto?

Ernesto – Nada pai, eu só estava estudando...

Pai – Sei bem o que você estava estudando. O piano, não é verdade? Pois eu já não te proibi de chegar perto desse piano? Você acha que eu quero um filho músico, Ernesto? Só se for para morrer de fome. Eu não sei onde a sua mãe estava com a cabeça quando decidiu ensinar você e seus irmãos a tocarem esse instrumento. Felizmente não foram todos picados por esse mosquitinho da música que parece envenenar as pessoas, tirar a razão. Você não respeita nem o luto da sua mãe Ernesto. Eu quero silêncio dentro dessa casa, ouviu? Sua mãe morreu há pouco tempo e o único som que quero ouvir nessa casa são de orações pela alma de Carolina. Agora vá e trate de esquecer do piano, em!

(Narrador tira o chapéu. Fica Ernesto criança triste e cabisbaixo).

Narradora – A dor do Sr. Vasco era natural, tinha acabado de perder a esposa que tinha deixado além de Ernesto com apenas 10 anos mais três filhos: Vasquinho, Dodoca e Nenê. Mas a dor de Ernesto também não foi pequena. Ele amava D. Carolina, que além de mãe tinha sido sua primeira professora de piano. Foi ela quem apresentou o instrumento que seria não só o ganha pão, o sustento do filho no futuro, mas aquilo que o faria imortal. Ernesto se apaixonou pelo piano. Foi amor a primeira vista. Amor que levaria para vida inteira. Era o seu instrumento do coração. De tal forma ele e o piano eram unidos que as vezes não dava para saber onde começava um e terminava o outro. Era como se os dois fossem apenas um. Um só corpo musical, uma só alma inspirada. Após a proibição do pai, Ernesto ficou triste, mas não apenas triste, ele ficou isolado. Não falava mais com ninguém. Não brincava com os seus irmãos. Jamais sorria. O tempo passava e o Sr. Vasco via que o filho não mudava e ficava cada vez mais isolado, calado e entristecido. Um dia Ernesto passou o dia inteiro sozinho em cima de uma árvore do quintal da sua casa. *(Sobe no banquinho de piano)* Não descia por nada do mundo. Ignorava os irmãos que o chamavam para brincar e ignorou o pai que o chamou pra almoçar.

Narrador *(de chapéu)* – Ernesto! Ernesto!

Narradora - O pai ficou irritado no início, mas acabou deixando pra lá, pois sabia que uma hora o menino teria que descer. Acontece que Ernesto deve ter cochilado em determinado momento, pois acabou caindo da árvore e batendo com a cabeça. *(Ernesto cai)* Todos correram para acudi-lo. O pai ficou desesperado, pois dos ouvidos do filho escorria sangue. *(Pai pega o filho e*

puxa um lenço vermelho que representa o sangue) Ernesto estava acordado, não tinha desmaiado, mas não conseguia ouvir nada ao seu redor.

(Todos tornam a chamá-lo: Ernesto! Ernesto! Ernesto!)

Um médico foi chamado e alguns dias depois ele já estava bem. O Sr. Vasco percebeu então que precisava fazer algo. Não podia lhe dar a mãe de volta, mas podia lhe devolver o piano e decidiu então mudar de opinião. Contratou um professor de piano para Ernesto, o professor Madeira. *(Coloca adereço que a caracterize como o professor. Aperta a mão do Sr. Vasco.)* Não que quisesse uma carreira profissional para o filho, mas só para ver se ele se animava um pouco.

Cena 5

Professor Madeira – Vamos lá Ernesto! Vamos! Trouxe para aula de hoje uma partitura que você vai gostar: o noturno de Chopin! Isso vai te inspirar garoto. Quem sabe você não se torna um Chopin um dia!

Ernesto – Chopin! Ah, quem me dera ser um Chopin, Professor Madeira!

(Ernesto começa a tocar o noturno. Começa a ter interferências como se viessem do lado de fora da casa de batuques, maxixes, lundús. Ernesto pára diversas vezes de tocar o noturno e retorna, mas vai se impacientando com o tempo).

Ernesto – Mas assim não dá! Não dá pra tocar assim Professor Madeira! Sempre tem um barulho entrando pela janela. Como vou me concentrar na música de Chopin com esse barulho que não para?

Professor Madeira – Barulho? Que barulho? Ora Ernesto o que estou ouvindo não deve ser a mesma coisa que você. Pois o que chega aos meus ouvidos é a mais autêntica e genuína música nacional. A música feita pelo povo. Se por um lado parecem simples comparadas aos moldes europeus trazem dentro de si uma grande complexidade rítmica, você sabe o que é complexidade rítmica Ernesto?

Ernesto – Complex...rítmic... o que?

Professor – Complexidade rítmica Ernesto! A maioria dessas músicas tem origem no continente africano e elas trazem um acento musical característico que temos muito que aprender. Se paramos para estudá-las, isso contribuirá muito para o projeto de uma música nacional, ou seja, que não seja uma cópia nem da música europeia e nem da africana, mas antes seja uma mistura das duas. Um pouquinho branca e um pouquinho negra. Que tal deixarmos agora o Chopin de lado por um momento e tocarmos um maxixe?

Ernesto – Um maxixe?

Professor (*sentando-se ao lado de Ernesto*) – E por que não?

Cena 6

Narrador – Não que Ernesto tenha gostado muito do tal maxixe. Ele ainda preferia o noturno de Chopin, mas não tinha como aquele tipo de música não entrar pelos seus ouvidos, comixar nos seus dedos e despertar a sua alma musical. Em pouco tempo compôs sua primeira música... O nome era... Bem, qual era mesmo... Ih, acho que... Uhn, esqueci... O Ernesto, qual era mesmo o nome da sua primeira música?

Ernesto – Você bem sabe!

Narrador – Não sei não. Esqueci.

Ernesto – Você bem sabe!

Narrador – Não sei não. Tô te dizendo. Me diz logo pra continuar a história.

Ernesto – Pois já te disse. É esse o nome da música: Você bem sabe!

Narrador – Ah, claro, como fui esquecer... Aos 14 anos Ernesto Nazareth compôs a sua primeira música: a polca “Você bem sabe!” dedicada ao Sr. Vasco, seu pai. (*Coloca chapéu*) Obrigado, meu filho! Obrigado! Eu nunca pensei que teria uma música dedicada a mim. (*Tira o chapéu*) Dois anos depois, com apenas 16 anos compõe “Cruz, perigo”, onde já deixa aparecer traços da sua imortalidade, ou seja, de um tipo de música que faria com que ele fosse lembrado mesmo depois de sua morte: o estilo Nazareth, do Ernesto Nazareth.

(*Toca trecho de Cruz, perigo*).

Cena 7

Narrador - O jovem Ernesto vai crescendo e dentro dele o compositor vai amadurecendo. As tristezas da vida não o desanimavam, eram antes o combustível para sua alma sensível. Foram muitos entes queridos que Ernesto perdeu ao longo de sua vida. Primeiro foi sua mãe D. Carolina, depois sua irmã Nenê. Com 23 anos se casou com Theodora e teve seis filhos, dos quais dois nasceram mortos. Aos 29 anos chega Maria de Lourdes, a quinta filha. Está nasce viva, bem viva. Ernesto fica tão feliz que dedica a filha diversas músicas ao longo da vida. Uma delas foi “A florista”. No final da partitura há a seguinte

indicação para a cantora: "Vestuário a caráter – cestinha cheia de flores naturais ao braço – entra dançando e sai jogando flores aos ouvintes".

(Durante a cançoneta realizar a cena descrita acima pela narradora).

1ª vez

Eu sou florista bem garbosa.
Tenho um jeitinho para agradar.
Como eu sou gentil donairosa
Faço cestinhos de encantar.
Sou formosa e brejeira.
De paixão bandoleira.
Tão querida e faceira;
Não cuido de amores.
Só vivo de flores!

2ª vez

Faço co'as flores perfumosas
Mimoso ramo em perfeição;
Tendo cravos, jasmims e rosas
E a mais linda flor em botão.
Sou gentil tão mimosa,
Mas também cautelosa,
Sendo assim tão ditosa:
Não cuido de amores,
Só vivo das flores!

3ª vez

Outro dia um moço elegante
Quis galanteios dizer-me, enfim.
Pois eu vendo-lhe este rompante
Fiz calar-lhe dizendo assim:
Se quiser um raminho,
Compre que é baratinho
<Não dou trela a mocinho>
Nem cuido de amores
Só vivo das flores!

Narrador – Infelizmente, Ernesto viveria para ver chegar a hora também de sua amada filha. Com apenas 25 anos de idade Maria de Loudes morreu e Ernesto lhe dedica a composição Lamentos. Ernesto perderia ainda vítimas de tuberculose o seu irmão Vasquinho e o seu sobrinho Gilberto, mais conhecido como Gigi, que contraiu a doença do pai e viveu com o tio durante algum tempo morrendo aos 15 anos. Mas se por um lado Ernesto carregava as dores e saudades dos familiares que partiam ele via chegar a cada dia uma nova composição que entrava sem bater na porta e invadia sua mente e o seu coração.

Narradora - Um dos seus primeiros grandes sucessos foi Brejeiro, música dedicada ao sobrinho Gigi, quando este tinha apenas 5 anos de idade. Com Brejeiro Ernesto vê as portas se abrirem, não do jeito que ele gostaria, pois

afinal queria ser reconhecido como um compositor clássico e não uma celebridade popular, mas enfim, ele precisava pagar as contas...

Narrador - Com Brejeiro pode se dizer que Ernesto estava consagrado. Anos depois a música recebeu letra de um grande compositor da época chamado Catulo da Paixão Cearense caindo na graça e na boca do povo.

1ª parte

Ai, ladrãozinho
Dos teus lábios de coral (tem dó)
Dá-me um beijinho
Não te pode fazer mal (um só)

Tu és tirana, eu bem sei!... Meu amor.
Meu coração, ó serrana, eu te dei
Valha-me Deus!
É penoso viver, ai... a gemer.

Na minha choça,
Teu escravo sou até!
Tenho uma roça
E esta casa de sapé

Foi para dar-te que a fiz...
Aqui vivo, por amar-te, feliz, ai meu Deus
Nela contigo eu serei mais que um rei...
Ai... mais que um rei.

2ª parte

Eu canto em minha viola
Ternuras de amor
Mas de muito amar!
O choro as mágoas consola!
Teu fero rigor
Quer minha vida acabar, acabar...

Eu canto a dor no meu pinho,
Com tanto carinho
Tu podes crer,
Que eu vou para a morte cantando,
Que a vida, pensando,
Por ti dá prazer.

1ª parte

Teu riso cheira,
Como um galho de alecrim
És feiticeira!
Queres dar cabo de mim!

Ouve o suspiro de amor, estes ais,
Que d'alma tiro de dor! (Ora ladrão!)
Não me maltrates assim...
Ai de mim!... ai... ai de mim!

Eu sinto o cheiro
O cheirosíssimo odor
De um cajueiro
Carregadinho de flor.

Quando tu passas assim, de manhã,
Por estes matos sem fim, sem olhar
Uma só vez para mim!...Ai de mim!
Ai... ai de mim!

2ª parte

Eu canto a dor na viola
E a dor me consola...
Tu podes crer.
Morrendo, por ti sofrendo
Vou morto, vivendo,
Vivendo a morrer, a morrer...

Eu sou jaçanã ferida,
Gemendo de dor, lá na solidão.
Minh'alma, toda sentida
soluça de amor,
nesta pobre canção.

1ª parte

És flor do ipê,
Dos sertões do meu Brasil
És a irerê,
Da lagoa cor de anil!

Se vais ao monte roçar ou se vais
Água na fonte buscar... Valha-me Deus
Segue-te o meu coração, rente ao chão!...
Ai... rente ao chão!

Como eu sou rico
se me cresce o milharal (sou rei)
Ai! como eu fico
Se floresce o cafezal! (nem sei)

Mas fico mudo sem ti! Chora tudo, tudo,
Tudo d'aqui. Ai minha flor!...
Não me apoquentes assim...
Ai de mim!... ai... ai de mim!

Cena 8

Voltam a chamá-lo: Ernesto! Ernesto! Ernesto!

Ernesto olha para as pessoas atônito.

Narrador – Nessa época Ernesto volta a apresentar sinais de surdez... Mas o que não se sabe é se ele não escutava por estar ficando pouco a pouco surdo mesmo ou por estar em um mundo cada vez mais só dele. Respeitado e aclamado por todos Ernesto já era considerado um dos grandes compositores nacionais. Todos aguardavam ansiosos por suas criações, mas nem assim ele parecia feliz. Ficava horas e horas na frente do piano ou olhando para as estrelas a espera de colher uma inspiração clássica, mas Ernesto mal sabia que já tinha feito alguns clássicos e faria ainda muitos outros na música brasileira.

(Entra narradora e cochicha no ouvido do Narrador)

Narrador – É mesmo? *(chamando-o)* Ernesto! Ernesto!

Ernesto – Ahn!

Narrador – Ernesto, escute, nasceu o seu último filho, Ernestinho!

Ernesto – É mesmo?

Narrador – Sim. *(Ernesto sorri)* E Ernesto ficou tão feliz que até fez Pipoca.

Ernesto – Pipoca? Mas eu não fiz nada disso

Narrador – Claro que fez. Uma música chamada Pipoca.

Ernesto – Ah é, isso eu fiz mesmo. Já estava até me esquecendo. O que eu queria na verdade era sonorizar situações, modos e maneiras. A minha pipoca parece pipocar, quer ver só?

(Tocar trecho).

Narrador – Pouco depois Ernesto fez Bombom.

Ernesto – Que também não foi de chocolate, mas uma polca que tinha esse nome, mas dessa vez não foi pra representar essa guloseima que todos adoram. Bombom era o apelido de uma senhora muito distinta chamada D. Maria Leonor Amado a quem dediquei está música.

Narrador – Mas o que é mais importante dizer é que Bombom foi a 23ª polca de Ernesto. A partir daí Ernesto passaria a chamar o seu estilo musical de Tango Brasileiro para diferenciar dos demais. Em 1901 compõe o tango Batuque que é considerada uma obra prima, e é uma das suas peças mais

tocadas. Ei, mas porque você não toca mais rápido Ernesto? Assim não dá para o povo saracutear!

Ernesto – Mas é justamente isso o que eu quero. A minha música é para ser ouvida, apreciada e não saracuteada. Quem sabe um dia eu não componho ainda a minha obra prima e me torno um imortal! Pelo menos a minha esperança é a última que morre.

Cena 9

Narradora – É, que Ernesto perseguia a imortalidade todos já sabem. Não adiantava dizer que ele já era imortal. Ele não se contentava com a música que fazia. Queria mesmo ter ido estudar na Europa e se tornado um pianista clássico, mas não teve dinheiro pra isso, aliás dinheiro era um grande problema, pois fazer música nessa época não pagava as contas. Ernesto tinha os filhos para criar e por isso se dividia entre os seus alunos de piano...

Narrador - Vamos Ernesto, está na hora tome suas partituras! Corra ou vai se atrasar para a aula. Os seus alunos estão esperando.

(Sai Ernesto correndo atrapalhado por um dos lados).

Narradora – Trabalhava também como demonstrador em lojas de vendas de partituras...

Narrador – Ernesto! Venha, já está atrasado! Os clientes estão te esperando. Querem que você toque para conhecerem as partituras.

(Ernesto corre)

Narradora – E tocava a noite nos saraus e festas da sociedade.

Narrador – Vamos Ernesto! Ou vai se atrasar para tocar no sarau da viúva Camargo.

(Ernesto corre)

Narradora – E nas horas que sobrava sentava-se ao piano, pois o editor estava sempre cobrando uma nova composição.

Narrador – Vamos Ernesto! Vamos! Precisamos editar essa partitura hoje ainda.

(Ernesto corre e tropeça e deixa cair as partituras. Gag de palhaço).

Narradora – Um dia Ernesto decidiu arranjar um emprego como todo mundo, assinar a carteira e deixar o piano de lado. Agora enfim, pararia de correr, pois exerceria o cargo de terceiro escrivão no Tesouro Nacional

(Ernesto olha, aguarda)

Narrador – Terceiro o quê? Mas que diabo é isso?

Narradora - Sei lá. Nem Ernesto sabia direito o que era. Tanto que não ficou muito nesse emprego e voltou correndo para o piano. *(Ernesto torna a correr e abraça o piano)*. Aliás, sempre corria para ele. Se o piano tivesse pernas que se movimentassem certamente ele correria também para Ernesto. Os dois amigos se abraçaram com carinho. Estavam com saudades. Não podiam viver longe um do outro. É como se um precisasse do outro para existir. Mas como voltou para o piano Ernesto voltou a correr... *(Ernesto olha bravo para narradora e se prepara para voltar a correr)*.

Narradora – Brincadeira! Não precisa mais correr tanto. Calma Sr. Nazareth! Não tem senso de humor não? Dessa vez nosso querido amigo não precisaria correr tanto de um lado para o outro, pois foi contratado para tocar na sala de espera do cinema Odeon. Enquanto as pessoas esperavam o filme começar ficavam ali ouvindo Ernesto tocar, mas a música de Ernesto era tão boa que muita gente preferia ficar por ali mesmo e deixar o filme pra lá. O sucesso foi tão grande que mais tarde ele chegou a tocar no Odeon, com piano de cauda e orquestra, da qual Villa-Lobos fez parte tocando violoncelo.

Narrador – Ah, mas é bom a gente não confundir esse Odeon que Ernesto Nazareth tocava com o que existe hoje no centro do Rio. Esse era um antigo cinema que existiu no Rio na Av. Rio Branco com a 7 de setembro e que foi demolido em 1926. Em 1932 criaram o outro que fica na Cinelândia.

Narradora – Quando a música fazia muito sucesso na época de Ernesto ela costumava ganhar uma letra o que ajudava ainda mais ela se popularizar, pois nem todo mundo toca um instrumento musical, mas a maioria das pessoas carrega um instrumento musical no próprio corpo que é a nossa voz que nos permite cantar. Em homenagem ao cinema Odeon que Ernesto tanto gostava de trabalhar ele fez uma música com o mesmo nome do cinema que recebeu letras de vários compositores ao longo dos tempos, mas a melhor delas foi a do grande poeta Vinícius de Moraes que fez a letra a pedido da cantora Nara Leão.

1ª Parte

Ai quem me dera
o meu chorinho
tanto tempo abandonado,
e a melancolia que eu sentia
quando ouvia
quem me fazer tanto chorar.
Também me lembra
tanto, tanto,
todo o encanto
de um passado,
que era lindo,

era triste, era bom
igualzinho a um chorinho
chamado Odeon.
Terçando flauta e cavaquinho
meu chorinho se desata.
Tira da canção do violão
esse bordão
que me dá vida
e que me mata.
É só carinho
o meu chorinho
quando pega e chega
assim devagarzinho
meia-luz, meia-voz, meio-tom
meu chorinho chamado Odeon.

2ª Parte

Ah, vem depressa
chorinho querido, vem
mostrar a graça
que o choro sentido tem
quanto tempo passou
quanta coisa mudou
já ninguém chora mais por ninguém.
Ah, quem diria que um dia,
chorinho meu, você viria
com a graça que o amor lhe deu
pra dizer “não faz mal,
tanto faz, tanto fez,
eu voltei pra chorar com vocês.”

3ª Parte

Chorinho antigo, chorinho amigo
eu até hoje ainda persigo essa ilusão
essa saudade que vai comigo
e até parece aquela prece
que sai só do coração.
Se eu pudesse recordar
e ser criança
se eu pudesse renovar
minha esperança
se eu pudesse me lembrar
como se dança
esse chorinho
que, hoje em dia,
ninguém sabe mais.

1ª Parte (para finalizar)

Chora bastante meu chorinho
teu chorinho de saudade.
Diz ao bandolim pra não tocar
tão lindo assim
porque parece até maldade.
Ai, meu chorinho
eu só queria
transformar em realidade
a poesia
ai que lindo, ai que triste, ai que bom
de um chorinho chamado Odeon.

Cena 10

Narrador – E sem que imaginasse, sem perceber, Ernesto ia aos poucos se immortalizando. Não é preciso dizer muito mais sobre a sua vida, pois a sua vida era a sua música e falar da música é falar do artista, é falar da alma, do que existia de essencial em sua vida, o que o tornaria imortal. De resto Ernesto viveu como a maioria dos homens de nossa terra que nascem, crescem, casam, trabalham, talvez, talvez uma casa, talvez um carro e são explorados por homens ricos e poderosos que ficam cada vez mais ricos e poderosos e que morrem na maioria sem ser lembrados há não ser por duas datas, a do nascimento e a da morte e assim mesmo pelos que tinham por ele uma maior afeição. Felizmente Ernesto tinha a música. E felizmente nós tivemos Ernesto.

Narradora – Não dá para falar de todos os grandes sucessos de Ernesto, mas não podemos terminar essa história sem falar de Apanhei-te cavaquinho, um outro grande sucesso. Nessa música Ernesto imita com o piano o som de dois instrumentos bastante populares. Com a mão esquerda imita um cavaquinho e com a direita uma flauta. O sucesso foi tão grande que recebeu pelo menos 281 gravações, além de 5 letras ao longo da história.

Narrador – Cinco letras? Para mesma música?

Narradora – Sim, e algumas delas em francês e inglês. Quer ouvir?

Narrador – Claro! Você conhece todas elas?

Narradora – Conheço, mas como não dá tempo de cantar todas e seria muito chato também repetir cinco vezes a mesma música vou fazer um trequinho de cada, está bem?

Narrador – Tá bom.

Narradora – Ernesto, me acompanha, por favor! Na mão esquerda o cavaquinho (*começa só a mão esquerda*) e na direita a flauta (*mão direita*).

Letra de Darci de Oliveira e Benedito Lacerda

1ª parte

Inda me lembro do meu tempo de criança
Quando entrava uma dança toda cheia de esperança
De chinelinha e de trança com Mané José da França
Nunca tive na lembrança de rever este chorinho

E hoje ouvindo neste choro a voz do pinho
Relembrando o bom tempinho da mamãe e do maninho
Hoje sou ave sem ninho, sem família, sem carinho
Mas sou bem feliz ouvindo o Apanhei-te Cavaquinho

Letra de Nara Leão

1ª parte

Com esse chorinho, o Apanhei-te Cavaquinho,
Meu piano tão certinho vai seguindo seu caminho
E a viola na calçada vai ficando encabulada,
Vai tentando, vai tocando, mas tão longe do chorinho

E sendo assim eu vou tocando à minha moda
Nem te ligo não dou bola, nem escuto essa viola
Vou seguindo em disparada nessa noite enluarada
Preparei-te uma surpresa e apanhei-te cavaquinho!

Letra de Paulinho Garcia

1ª parte

Esse Chorinho que hoje todo emocionado,
Com o coração apertado eu escuto novamente,
Numa forma diferente ele vem trazer de novo
A saudade do meu povo, aquela gente que eu nunca esqueci.

Inda criança apanhei-te, cavaquinho
E entre sambas e chorinhos eu deixava minha mente
Viajar devagarinho outras terras e outras gentes
E a saudade era somente uma rima em um samba canção.

Letra cantada pelas Dinning Sisters no desenho *A culpa é do samba (Blame it on the samba)*
(Disney, 1948):

(1ª parte)

You take a small cabassa (chi chi chi chi chi)
One pandeiro (cha cha cha cha cha)
Take the cuíca (choo choo choo choo)
You've got the fascinating rhythm of the samba

And if guitars are strumming (chi chi chi chi chi)
Birds are humming (cha cha cha cha cha)
Drums are drumming (choo choo choo choo)
Then you can blame it on the rhythm of the samba

Letra de Jacques Plante, em francês cantada por Rose Mania e conjunto no 78
RPM Polydor 560141:

Il écoutait Cavaquinho
C'était à Saint Barbarina
Il s'ennuyait au casino
En sirotant un quinquina
Il aperçut Anna
Devant un Cinzano
Elle portait de grands anneaux
Comme une vraie Gitana
Il lui chanta Cavaquinho
Car pour chanter cet air, on n'a
Pas besoin d'imiter Tino

Ou d'être une prima dona
Et elle fredonna
Sans être soprano
Ce doux refrain qui les unit : Cavaquinho !

Ou cantar inteira a versão abaixo:

Letra de Baldomán

1ª parte

Um cavaquinho, cabecinha pequenina, no formato dum oitinho,
De boquinha redondinha, de pescoço compridinho, orelhinha cravelhinha,
De madeira o terninho, gravatinha de cordinha, falou:

Sou miudinho, tenho quatro "cordazinha", mas dou vida ao chorinho,
Sou o molho do sambinha! "Seu" pandeiro, cuidadinho!...
Tome tento, ó flautinha!... "Seu" piano, diga ao pinho: cavaquinho já chegou!

2ª parte

Ó cavaquinho malcriado, deu o brado, indignado, o piano:
Seu mesclado, sem teclado, vilão!
Ó cavaquinho, te arrebento , seu rebento de instrumento, ruge o pinho.
Seu safado, mascarado, não!

A dona flauta, com a prata mais vermelha que centelha,
Num trinado, engasgado, disse apenas: bufão!
"Seu" pandeiro, vibra o guizo ao cavaco, facão
Eu te bato, eu te piso, seu tustão!

3ª parte

O cavaquinho envergonhado deu no pé, pé, pé, aprendeu a lição, ão, ão.
Que não se brinca em seresta, nem se ofende ninguém!...
Que não se zomba do mais velho, também!

Mas cavaquinho arrependido voltou lá, lá, lá,
E pediu pra ficar, ar, ar, e, humilde, aprendeu, eu, eu
A respeitar os do lugar! ah!8ip [

Narrador – *(batendo palmas)* – Explêndido! Explêndido! Essa versão é inteiramente original. Garanto que vale mais uma gravação para esse sucesso que é Apanhei-te cavaquinho que chegará um dia a marca de 500 gravações, mil gravações, dez mil!

Ernesto – Mas esperem aí, vocês sabem por que eu dei esse nome a essa composição?

Narrador levanta as mãos para responder, mas a narradora responde antes.

Narradora – Ora, mas essa resposta é muito simples e eu até já falei, porque você representa o som do cavaquinho no piano com a mão esquerda, não é?

Ernesto – Resposta e... errada! *(Narrador ri da cara da narradora)*.

Narradora – Errada? Mas como...

Ernesto – Calma, não se envergonhe. Não tem problema nenhum ter errado. Dificilmente alguém da época de vocês saberia o que quer dizer “apanhei-te cavaquinho”. Na verdade isso é uma expressão da minha época usada quando se pegava alguém fazendo uma coisa errada.

Narrador – Ah, que ótimo! Então, bem que podíamos voltar a usar essa expressão por que o que tem de gente fazendo coisa errada por aí... olha ia ser o maior sucesso falar isso hoje em dia. A gente não ia parra de falar: Apanhei-te cavaquinho! Apanhei-te cavaquinho! Apanhei-te cavaquinho!

Ernesto – Bem, fica aí a dica, quem sabe!

Cena 11

Narradora – E Ernesto Nazareth continuou compondo por toda a sua vida. Não aquela música clássica que tanto admirava. Na verdade ele bem que tentou, mas não foi muito feliz com os resultados, mas também não foi feliz com a sua glória. Perseguiu a imortalidade sem perceber que ela já estava ali pousada em seu ombro há muito tempo. Mas se feliz não foi por completo, certamente alegrou a muitos corações brasileiros e estrangeiros que se apaixonaram por sua música.

Narrador – Ernesto fez polcas, tangos, sambas, marchas carnavalescas e até hinos de escolas como o do Colégio Pedro II. Embora tenha desejado muito ter estudado na Europa para se tornar um compositor clássico viajou pouco. Quase não saiu do Rio de Janeiro por toda a sua vida. Fez apenas uma turnê por São Paulo que durou 11 meses sendo bastante aclamado e depois uma turnê pelo Rio Grande do Sul e pelo Uruguai onde teve uma crise nervosa durante uma apresentação. *(Ernesto toca um tempo. Narrador e narrador aplaudem convidando a plateia para fazer o mesmo. Ernesto não para de tocar e mais uma vez todos aplaudem. Ernesto não para e a cena se repete)*. Ele já tocava por horas e não parava de tocar por nada no mundo, mesmo após repetidos aplausos do público. *(Mais uma vez aplausos)*.

(Ernesto começa a tocar cada vez mais rápido até não poder parar. Estende os limites do piano imaginário e transforma aos pouco o gesto em uma coreografia pelo espaço como se tocasse tudo o que o rodeasse).

Narrador – Tocava sem parar numa espécie de convulsão pianística. Foi preciso tirá-lo a força *(Narrador e narradora combinam para segurá-lo contando de um a três)*.

Narrador – No três...

(Os dois o seguram e a Narradora o acalma com um afago e um copo d'água. Depois convida-o para sentar).

Narrador – Ernesto estava doente. As crises se repetiriam. Estava com uma doença chamada sífilis que tinha atingido os seus nervos. O nosso amigo jamais seria a mesma pessoa. Aos poucos foi perdendo a razão e ficando louco. Foi então internado na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, onde viveu seus últimos momentos de mortalidade.

Narradora – Mas ele não gostava muito de lá e vivia fugindo para encontrar o seu mais estimado amigo: o piano. No hospital não tinha um piano se quer e ninguém se preocupou em levar para lá um piano pra ele.

Narrador - Já está louco! – diziam. Para que quer um piano? E além do mais já não escuta mais nada!

Narradora – De fato, além de louco, Ernesto estava mesmo quase completamente surdo, mas ainda assim fugia para tocar piano nas casas de partitura no centro do Rio. *(Percebe que Ernesto não está mais em cena)*. Ué, onde ele está? Alguém viu Ernesto por aí?

Narrador – Mas ele estava aqui agora mesmo!

Ernesto aparece no meio da plateia tocando na cabeça ou nos joelhos das pessoas como se fossem teclas de um piano.

Narrador e narradora – Ernesto! Vem pra cá Ernesto! Vem aqui!

Trazem ele de volta para o banco.

Narrador – Como separá-los? Ernesto e o piano... é como se tivessem nascidos juntos. No final quase não ouvia mais nada e tinha que encostar o ouvido bem pertinho enquanto tocava, como quando colocamos o ouvido no peito de alguém para ouvir o seu coração. E Ernesto ouvia... o coração do piano que batia junto com o seu. Ou era o seu coração que ele ouvia? Não se sabe e não é preciso saber, talvez fosse um só coração a bater em seu peito e no corpo de madeira do piano irmão. Sangue a pulsar e notas a soarem brilhantes como estrelas no céu.

Ao fundo a Valsa Resignação, sua última composição.

Narradora – Um dia o homem que queria ser imortal virou imortal. Virou não, foi virando a cada nova composição. Ao todo foram 213 ao longo de 54 anos dedicados a música dos 70 que viveu aqui na Terra.

Narrador – Um dia foi reconhecido como compositor erudito, imortalizado como um clássico da música brasileira. Mas se hoje, para sua alegria, é tocado nas

salas de concerto, nem por isso ficou esquecido do povo, pois não há roda de choro que se preze nessa cidade que não preste sua homenagem ao imortal Ernesto Nazareth.

Narradora - O amigo Villa Lobos disse um dia a seu respeito: Ernesto “é a verdadeira encarnação da alma musical brasileira. Ele transmite na sua índole admirável e espontaneamente as emoções vivas de um determinado povo cujo caráter apresenta tipicamente na sua música”.

(Entra alguma composição animada tocada em rodas de choro. Escorregando).

Gabriel Sant'Anna

Agosto de 2013.